

A MORTE COMO OBJETO DE ESCOLARIZAÇÃO: UMA PROPOSTA DE PESQUISA

THE DEATH AS TEACHING OBJECT: A RESEARCH PROPOSAL

Maria do Socorro Nascimento de Melo¹

RESUMO: A morte permanece como tabu nas sociedades ocidentais contemporâneas, as quais se sentem aterrorizadas em ter que conviver com seus ritos, ruídos, sons, silêncios e cheiros. No passado, a morte vinha acompanhada por cerimônias presidida pelo moribundo que morria em seu lar, acompanhado de seus entes queridos e na presença de crianças. Nas últimas décadas, a sociedade ocidental transformou a morte em interdito, ocultando-a das crianças e excluindo-a do cotidiano das famílias. Principalmente, das instituições hospitalares e educativas. As pesquisas recentes apontam a necessidade de uma educação para a morte e sinaliza a escola como lugar de reflexão dessa temática. Nesse local, professores e alunos poderão interagir na discussão sobre o tema, manifestando suas dúvidas, inquietações, dificuldades e questionamentos. A presença de um tanatólogo pode ser solicitada para colaborar, mediar e instrumentalizar tanto os profissionais de educação, como os pais para que possam compartilhar junto com os professores na educação das crianças, que precisam aprender a lidar com as perdas no decorrer da sua existência. Sendo assim, pais e professores poderão tratar desse assunto com as crianças com naturalidade, facilitando o seu entendimento. Este trabalho tem como objetivo principal procurar conceber como os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental abordam o conceito de morte na sala de aula, bem como esses professores se comportam quando a morte, direta ou indiretamente, se faz presente no seu cotidiano profissional.

Palavras-chave: Morte. Educação. Professor. Ensino Fundamental

ABSTRACT: The death remains as taboo in the occidental societies contemporaries, which if feel frightened in having that to coexist its rites, noises, sounds, silence and aromas. Into the last decades, the society occidental person transformed the death in interdict, occulting it of the children and excluding it of the daily one of the families. Mainly, of the hospital and educative institutions. The recent research points the necessity of an education with respect to the death and signals the school as place of reflection of this thematic one. In this place, professors and pupils will be able to interact in the quarrel on the subject, being revealed its doubts, fidgets, difficulties and questionings. The presence of a tanatólogo can be requested in such a way to collaborate, to mediate and exploit both the education professionals, as the parents so that they can share together with the professors in the education of the children, whom they need to learn to deal with the losses in elapsing of its existence. Being thus, parents and professors will be able to deal with this subject with the children with naturalness, being facilitated its agreement. This work has as objective main to look for to conceive as the professors of the initial series of Basic teaching approach the concept of death in the classroom, as well as these professors if they hold when the death, directly or indirectly, if makes gift in its daily professional.

Word-key: Death. Education. Professor. Basic Education.

¹ Mestranda em Educação/PPGED-UFRN, Licenciada em Sociologia /UFRN, Bacharel em Antropologia e Sociologia/UFRN, Licenciada em Pedagogia/UFRN, Professora e pesquisadora de Sociologia da rede pública estadual de ensino, socorro219@yahoo.com.br

Introdução

A morte é mais do que um fim inevitável, porque integra uma parte da existência do homem, podendo apresentar-se em todas as discussões no âmbito religioso, antropológico, sociológico, médico e educacional, adquirindo interpretações diversas. Em geral, a morte, única certeza que temos na vida, é sentida como um acontecimento triste, que representa a finalização de um ciclo e que é tomada ainda como tabu em sociedades ocidentais. Certas normas sociais exigem que a morte seja assunto ausente das conversas educadas. E isto é o que parece estar ocorrendo no cotidiano escolar. Falar a palavra *morte* causa pavor até mesmo em indivíduos com formação em nível de pós-graduação, inclusive professores atuantes em cursos de graduação, mestrado e doutorado, que afirmam não se encontrarem preparados para discutirem tal temática. Então, se o professor não se julga preparado para tal discussão, questionamos como seria a formação de pessoas para lidar com a morte ao longo da sua vida pessoal, acadêmica e profissional.

Essa lacuna parece revelar o pouco interesse em estudar o tema no âmbito de várias áreas do conhecimento, ou em abordá-lo no meio escolar, em comparação ao interesse demonstrado por outros fenômenos sociais. Em consequência disso, estudos sobre morte como objeto de escolarização se mostram recentes nas sociedades ocidentais. Kovács (2003b, p.44), uma importante referência para esses estudos, assume:

Em pesquisa bibliográfica praticamente não encontrei referências sobre a questão da morte associada ao contexto educacional e à formação de educadores; por outro lado, em minha experiência profissional, encontro sempre à denúncia dessa lacuna por parte de professores – ausências mais intrigantes por sabermos todos o quanto a morte está presente no universo escolar, pelas perdas que acontecem na vida de crianças e adolescentes e pela via da morte escancarada, com violência, repentina, brusca e para qual é muito difícil se encontrar proteção.

Um fato que ilustra o pensamento da autora supracitada é o artigo “Como lidar com a morte”, publicado em abril de 2003, na coluna S.O.S. sala de aula, da Revista Nova Escola. Nesse texto, uma professora solicita ajuda, pois não sabe como tratar com a realidade da morte, tanto com um aluno que acaba de perder o pai como com o restante da turma. É certo que tal atitude da professora pode refletir a falta ou parcimônia de orientação presente na escola, confirmando “a denúncia da lacuna” sinalizada por Kovács (2003b).

Nesse sentido, propomos como **questões de pesquisa**:

- como professores de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental trabalham com o conceito de morte na sala de aula?
- como esses professores se comportam quando a morte, direta ou indiretamente, se faz presente no seu cotidiano profissional?

Assim, pretendemos realizar uma investigação qualitativa de abordagem sócio-histórica (FREITAS, 2002), com uso de técnicas da pesquisa etnográfica, como explicitaremos adiante, a fim de alcançarmos o seguinte **objetivo**:

- entender como a temática da morte está inserida nas práticas curriculares e pedagógicas de séries iniciais do Ensino Fundamental.

Justificativa

A necessidade de focalizar essa temática na escola ocorre com o intuito de facilitar a comunicação sobre um tema tão complexo – como a morte o é – para uma sociedade que o trata como um interdito, pensando em re-humanizá-lo, ao mesmo tempo em que os meios de comunicação o abordam de forma escancarada, expondo milhares de imagens que chegam aos lares por repetidas vezes e são assistidas por adultos, jovens e crianças da mais tenra idade. Poucos são os pais que educam os filhos para lidar com as perdas, principalmente aquelas referentes à morte, e são poucas as escolas que se dispõem a discutir essa temática. Pais e professores devem buscar falar às crianças que a existência humana é finita, oportunizando discutir, com clareza, questões filosóficas em casa e em sala de aula, favorecendo a construção de conceitos de vida e de morte (MATURANO apud SILVA, M., 2003; KOVÁCS, 2003a; 2003b).

Entretanto, apesar de haver despreparo e receio de pais e professores em discutir a morte, cotidianamente o cenário educacional oferece situações e conteúdos em que essa temática se encontra presente. Na Literatura e Língua Portuguesa, ela vem como tema de poemas e contos; em Ciências, é possível vê-la tanto direta como indiretamente associada a conteúdos como meio ambiente, ciclo da vida, doenças, higiene e profilaxia; em História e Geografia, está relacionada a fatos, contextos históricos, ação individual e coletiva do homem, conflitos, guerras, desmatamentos, ocupação indevida do solo, catástrofes naturais, entre outras; em Artes, encontra-se representada em letras de músicas, em peças teatrais, em pinturas etc.

A morte refere-se também aos nossos projetos, às possibilidades que visualizamos e escolhemos no presente. Quando optamos por uma coisa, deixamos outra de lado; assim, podemos dizer que vivenciamos a perda ou a morte daquilo que deixamos de escolher. Todavia,

em geral, o contato com a morte enquanto falência do corpo desperta uma série de sentimentos e pensamentos, parece nunca passar despercebida. Portanto, paradoxalmente, a morte faz-se presente na sala de aula, mas não encontra espaço para discussão.

A morte ainda permanece velada na prática escolar, porque a nossa cultura não a incorpora como o término do ciclo natural da vida. Para muitos ocidentais, pensar na morte desperta o afastamento, o silêncio e o medo do desconhecido. Tomam-na como um castigo, a possibilidade de “um nunca mais”. Parece que só aquelas pessoas que acreditam na vida após a morte se sentem amparadas pela crença e menos temerosas. Essa percepção parte da idéia de que pessoas praticantes de uma crença religiosa tendem a ser menos ansiosas e mais seguras, ao abordar estudos do conflito entre ciência e fé e ao apontar os ensinamentos das religiões cristãs como base da diminuição da ansiedade e da insegurança do indivíduo na sociedade atual (MIRANDA apud SANTOS, 2003).

Essa atitude diante da morte ocorre porque, de acordo com Cassorla (apud VOMERO, 2002), é na religião que o indivíduo encontra respostas para as suas incertezas sobre por que vive, por que morre e o que acontece após a morte. Essas possíveis certezas fazem com que ele conviva melhor com a sua finitude. Porém, diante da probabilidade da existência de uma vida pós-morte, o ser humano encontra conforto e certeza da continuidade da mente e do espírito. Segundo Vomero (2002), o homem busca nas crenças religiosas explicações para o fenômeno da morte. Pessoas com forte grau de envolvimento religioso, independente da crença, podem apresentar menos medo de morrer, porque a fé ajudaria a superar a ansiedade em relação à idéia de finitude (KOVÁCS, 2003a; 2003b).

No decorrer das últimas cinco décadas, assistimos a um fenômeno curioso na sociedade industrial capitalista: à medida que a interdição em torno do sexo foi relaxando, a morte foi-se tornando um tema proibido, uma coisa inominável. A partir dos anos de 1950, vem aumentando a preocupação em iniciar a criança cada vez mais cedo nos “mistérios da vida”: mecanismos do sexo, concepção, nascimento e métodos contraceptivos (MARANHÃO, 1996). No entanto, sistematicamente escondem dela a morte e os mortos, silenciando-se diante das suas interrogações e questionamentos. Enquanto isso, nas últimas décadas, desde cedo a criança recebe todos os ensinamentos da fisiologia do amor, mas ainda escuta a informação da morte de um ente querido através de metáforas, como “Ele foi para o céu”, entre outras. Usar frases conotativas para poupar a criança do sofrimento pode trazer-lhe dificuldades futuras em lidar com perdas, podendo causar-lhe problemas e angústias ao longo da sua vida (TORRES, 1999).

Esse sentimento do ser humano se converte no receio e até recusa de aceitar a morte como algo natural à sua própria espécie. Essa noção de imortalidade decorre do fato de o inconsciente humano não admitir o falecimento e a idéia de uma destruição total do ser, quando se trata dele mesmo (KÜBLER-ROSS, 1998). Logo, o grande desafio humano tem sido aprender a viver com a sua morte e a dos seus semelhantes; talvez o espaço escolar seja fundamental para que haja essa aprendizagem – o que justifica o nosso interesse por pesquisar a morte enquanto objeto de escolarização.

Estudiosos da morte e suas contribuições: breve revisão bibliográfica

Aqui, com brevidade, comentamos a respeito do trabalho de alguns estudiosos e suas contribuições a respeito da temática da morte, a saber: Ariès (1977; 1981), Kübler-Ross (1991; 1998), Torres (1999), Kovács (2003a; 2003b), Bromberg (1996), Melo (2000).

Ariès: a morte em sociedades cristãs ocidentais

Philippe Ariès (1977; 1981) é universalmente considerado um dos melhores historiadores contemporâneos no campo do estudo de atitudes e comportamentos humanos diante da morte na sociedade cristã ocidental, sob o ponto de vista histórico e sociológico, abrangendo o período da Idade Média – quando a morte era domada – até o desenlace de nossos dias – quando a vêm como maldita e tentam a sua negação absoluta.

Conforme Ariès (1977), durante muito tempo, nas culturas cristãs ocidentais, as atitudes diante da morte eram vistas com muita naturalidade. Ninguém morria sem ser avisado previamente de tal fato através de signos naturais ou de uma convicção íntima. Presentindo a proximidade do seu fim, a própria pessoa tomava algumas medidas prévias e se encarregava de todas as providências necessárias a uma cerimônia fúnebre que fosse pública, aberta a todos que pertenciam à sua comunidade, incluindo as crianças, que também participavam de todos os atos relativos à morte. Eram convidados os parentes, amigos e vizinhos que não hesitavam em comparecer.

Era importante que esses ritos se realizassem com simplicidade, sem dramaticidade ou gestos de emoção excessivos. Assim, face à iminência da morte, o moribundo cristão deitava-se no leito do seu quarto, donde presidia a sua cerimônia de despedida. Ele fazia as recomendações finais, manifestava os seus últimos desejos, pedia perdão pelas faltas cometidas durante a sua existência, perdoava àqueles que lhe havia causado algum mal e, por fim, despedia-se de todos ali presentes. Nesse momento, solicitava a presença de um sacerdote. A cerimônia culminava com a

sua chegada, quando se iniciava o ritual eclesiástico. O moribundo confessava-se e recebia a comunhão; imediatamente o padre lhe ministrava o sacramento da extrema-unção. Nesse instante, era a hora de esquecer as coisas terrenas e de pensar nas coisas divinas.

Durante séculos morreu assim nas sociedades cristãs ocidentais, até que, no final do século XVIII, surgiu um novo sentido para o ato de morrer. De acordo com Áries (1977), nesse período o homem ocidental já tendia a dar à morte um sentido novo. E, a partir de então, a morte passou a ser cada vez mais considerada como uma transgressão que arrebatava o homem de sua vida cotidiana, de sua sociedade racional, de seu trabalho uniforme para lançá-lo em um mundo irracional, sombrio e atormentador.

Contudo, é durante a segunda metade do século XIX que a morte deixou de ser vista sempre como bela, passando a mostrar os seus aspectos repugnantes, que deram origem ao medo em relação a esse fato. “Esse medo da morte manifestou-se, em seguida, pela repugnância, primeiro, em representar e, depois, em imaginar o morto e seu cadáver [...]”, conforme Ariès (1977, p.91).

No século XX, a morte como solenidade pública e coletiva transformou-se em algo feio e escondido, deixando de ser doméstica para ser institucionalizada e isolada, principalmente, em um hospital. Já não se morre em casa, rodeado pela família, mas num leito hospitalar, em silêncio e, às vezes, sozinho. Isso sucedeu timidamente nas décadas de 1930 e 1940 e, de modo mais acentuado, a partir de 1950. Logo, há cerca de cinquenta anos, as atitudes do homem ocidental perante a morte mudaram profundamente. De modo evidente, muitos traços ainda lembram os antigos costumes. Porém, o seu sentido original foi modificado.

Essa trajetória da morte, presente na concepção de Ariès (1977), vai chegar ao século XXI e encontrar o homem ocidental enfrentando certa dificuldade em pensar e falar sobre a morte como algo pertencente ao ser humano ou a tudo que tem vida. Isso ocorre devido a morte ser um assunto que mexe com os aspectos emocionais das pessoas. Ao contrário do que ocorria anteriormente, quando a presença da morte na vida do homem ocorria num clima de naturalidade, já que a morte domada não se apoderava do homem e este mantinha uma atitude de resignação para com a mesma.

Portanto, numa sociedade como a nossa, onde o homem moderno, voltado para a produção e consumo, não pensa na morte e fala dela o menos possível, exigindo que ela seja objeto ausente das conversas educadas, fez com que crescesse no mundo contemporâneo uma cultura de negação da morte e de tudo a que ela se associa. E, ao negar a experiência da morte, a sociedade reduz o homem ao nada. Esta percepção se encontra presente em Ariès (1977),

sinalizando que a cultura ocidental estimula a idéia do fim da vida como punição e não incorpora a morte como parte da vida.

Kübler-Ross: a re-humanização da morte

Elisabeth Kübler-Ross (1991; 1998) passou a questionar sobre a morte e o morrer. Ela percebeu que o tema era tabu nos hospitais, durante uma experiência pessoal como paciente (KOVÁCS, 2003a). A partir daí, ela se dedica a tratar de pacientes terminais, ouvindo as suas expectativas diante da morte iminente, esforçando-se por reiniciar o movimento da ética e da dignidade do processo de morrer, defendendo um retorno à morte domada, que Ariès (1977) registrou como um acontecimento da Idade Média. Este movimento implica em ouvir o paciente em suas necessidades como ser humano e atendê-lo em seus direitos, visando a uma morte humanizada.

Os seus estudos na área da Tanatologia têm como relevância o registro das cinco fases pelas quais o ser humano passa antes de morrer: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Essas fases não se dão necessariamente nessa ordem, podendo ocorrer de forma distinta (KÜBLER-ROSS, 1998).

O primeiro estágio é o da negação e isolamento, funciona como mecanismos de defesa temporários do eu contra a dor psíquica da mente. Essa negação ocorre logo que o paciente toma conhecimento de que a sua doença está evoluindo para levá-lo a uma fase terminal. A duração dessa fase depende da reação da dor do próprio paciente e das pessoas que o cercam.

O segundo estágio é a raiva. Essa ocorre devido à impossibilidade de continuar mantendo a negação e o isolamento substituídos por sentimento de revolta e hostilidade por parte de quem vai morrer, tornando problemático e difícil o relacionamento do paciente com as pessoas que estão em seu entorno. Sendo assim, é importante que, em tal estágio, tanto os familiares quanto os profissionais que cuidam desse paciente tentem compreender as atitudes de agressão e angústia transformada em raiva pela pessoa que está morrendo.

O terceiro estágio é a barganha e vai ocorrer após a pessoa ter percebido que a sua raiva não resolveu. Segundo Kübler-Ross (1998, p.89), “a maioria das barganhas são feitas com Deus, são mantidas geralmente em segredo, ditas nas entrelinhas ou no confessionário do capelão”. Como a pessoa não tem mais nada a oferecer a Deus, a não ser a própria vida, que já está sendo tirada pelo ser Supremo, a barganha do moribundo assume a característica de súplica. Esse sentimento faz com que o moribundo implore a Deus para não morrer, oferecendo-se a ocupar toda a sua vida dedicado aos atos da igreja, aos pobres e às obras de caridade. Nesse caso, a

barganha torna-se uma tentativa de adiamento da sua morte e é realizada com a pessoa mantendo a calma, a **serenidade, a flexibilidade e a docilidade**. Não se pode negociar com Deus de forma hostil e agressiva.

O quarto estágio é o da depressão, quando o indivíduo toma consciência da sua debilidade física, não podendo mais negar o seu estado terminal, pois as perspectivas da morte são claramente sentidas. Nesse momento, surge um grande sentimento de perda. Já que negar não resolveu, agredir e revoltar-se também não. Barganhar com Deus não adiantou. Diante da plena realidade da morte, o moribundo toma consciência de que o homem nasce e morre sozinho. Daí, a depressão apodera-se do indivíduo que assume um quadro de desânimo, desinteresse, tristeza, choro e apatia.

O quinto estágio é o da aceitação. Nessa fase, o moribundo já não se volta para o desespero, nem nega a realidade da sua morte. Nesse momento ele experimenta o repouso e a serenidade. Nesse estágio, é importante que o moribundo experiencie um clima de aceitação e paz com muita dignidade e bem estar emocional. O processo que o leva até a morte é de serenidade, tanto para a pessoa terminal quanto para aqueles que estão lhe assistindo, demonstrando compreensão e colaboração para aquele que está morrendo. Nesse sentido, criticando a morte institucionalizada, Kübler-Ross (1998, p.124) afirma que “temos visto a maioria de nossos pacientes morrer no estágio de aceitação sem medo e desespero”.

Os argumentos religiosos defendidos por Kübler-Ross (1991) trouxeram-lhe muitos problemas de ordem pessoal e profissional. Mesmo assim, continuou com suas pesquisas “sobre a vida após a morte”, perfazendo um total de dois mil depoimentos de pessoas que afirmavam haver conseguido desprender-se do corpo físico, aliviando-se das dores fortes que as incomodavam e terem tido contato com familiares já falecidos, vivenciado uma experiência de quase morte. É com essa experiência que, segundo Kübler-Ross (1991, p.19), “você perceberá que a morte é tão-somente uma transição para uma forma diferente de vida”. Por conseguinte, a obra de Kübler-Ross tem uma contribuição significativa na re-humanização da morte e na aprendizagem do processo de morrer e nas reflexões da vida após a morte abordada por ela como uma transição, embora tenha afirmado que não tinha a pretensão de escrever um manual de receitas de como cuidar de pessoas que se encontravam na iminência da morte.

Torres: o conceito de morte junto a crianças

Wilma da Costa Torres (1999) foi pioneira nos estudos da Tanatologia no Brasil e, como todos os pioneiros, teve de desbravar campos desconhecidos e lutar contra os tabus que

abranjem a problemática da morte. As suas primeiras publicações sobre o tema foram na década de 1970, nos Arquivos Brasileiros de Psicologia, envolvendo pesquisas referentes ao desenvolvimento do conceito de morte em crianças em diferentes níveis cognitivos e situações sócio-afetivas e econômicas mais variadas.

Segundo Kovács (2003a, p.162), foi Torres a primeira psicóloga brasileira a sistematizar um vasto acervo bibliográfico na área da Tanatologia e promover em 1980 um “Seminário sobre Psicologia da Morte”, tendo os seus resultados reunidos no livro “Psicologia da Morte”, editado em 1983. Também foi Torres quem criou o primeiro curso de especialização em Tanatologia, no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), da Fundação Getúlio Vargas, posteriormente transferido para a Universidade Federal do Rio de Janeiro. O conteúdo desse curso abordava os seguintes temas: significado humano, antropológico e social da morte; morte e educação; morte institucionalizada; psicologia do doente terminal. Nesse contexto, desenvolveu também um setor de documentação e consultoria, chegando a reunir aproximadamente duas mil fichas, envolvendo vários temas relacionados a luto, suicídio e abordagem do paciente terminal. Também programou, conforme Kovács (2003a, p.72), um “núcleo de Estudos e Pesquisas em Tanatologia, na UFRJ, com o objetivo de desenvolver pesquisas de iniciação científica, aperfeiçoamento e pós-graduação, implementação do ensino de tanatologia na graduação e na pós-graduação”.

A obra de Torres (1999) serve como referência para a realização de estudos da temática da morte, envolvendo a compreensão da criança sobre o luto e a morte. A importância de estudar o desenvolvimento do conceito de morte na criança se dá impreterivelmente, pelo fato de ser este um dos principais conceitos organizadores da vida que, segundo essa autora, causam impressão significativa na formação da personalidade e no desenvolvimento cognitivo da criança.

No entanto, Torres (1999) afirma que o interesse de como as crianças conceitualizam a morte só surgiu nas últimas décadas do século XX. Os pressupostos das duas grandes teorias do desenvolvimento – a psicanálise e a epistemologia genética – frearam as pesquisas sobre esse tema, no momento em que

a psicanálise ortodoxa afirma que as preocupações e os pensamentos acerca da morte somente aparecem depois do período edipiano, como produto do medo da castração e os teóricos piagetianos afirmam que a compreensão dos conceitos somente se dá quando as estruturas cognitivas da criança atingem as operações formais, no início da adolescência. (TORRES, 1999, p.25).

Essa estudiosa acredita que as generalizações das duas teorias podem levar a crer que a criança em fase de desenvolvimento anterior àquelas fases propostas pelas teorias não se encontra aptas para compreender a morte. De acordo com a sua concepção, a maioria dos estudos sobre a morte sinaliza para uma evolução do conceito que vai desde a fase pré-operacional – quando a criança ainda não aceita e não entende a universalidade, a não funcionalidade e a irreversibilidade de tal fato – até a fase formal ou de conscientização – que ocorre, geralmente, a partir dos nove anos, quando ela fica ciente de que morrer é irreversível e que todos vão morrer.

Portanto, quando se morre, não desmorre, como nos jogos virtuais e nos desenhos animados, quando os seus heróis têm muitas vidas. É importante falar para a criança que todos os seres vivos passam pelos processos do nascimento, crescimento e morte. Isso é uma obviedade que boa parte da sociedade ocidental contemporânea insiste em esquecer ou escamotear. Segundo Torres (1999), é de extrema relevância que os pesquisadores insistam em investigar como as crianças percebem e conceituam a morte no decorrer dos diferentes estágios do seu desenvolvimento cognitivo e que a escola promova, em sua prática cotidiana, reflexões sobre a morte, a fim de, juntamente com os pais, educar as crianças para que o tema deixe de ser tabu e sofrimento.

Kovács: a educação para a morte

Júlia Kovács (2003a) faz uma releitura da obra de Ariès, buscando aprofundar a discussão dos textos desse historiador, “História da morte no ocidente” e “O homem diante da morte”, e, ao mesmo tempo, apresenta as suas reflexões sobre esse tema, as quais já vêm sendo construídas desde os anos de 1980. As suas contribuições acadêmicas trazem à tona as transformações lentas sofridas pela morte, passando de domada a interdita: a primeira ocorria no seio familiar; a segunda, nos hospitais, sem a presença dos familiares e amigos do moribundo. A autora (2003a) acrescenta às contribuições já feitas por Ariès (1977; 1981), quando discute a re-humanização do processo de morrer e reflete sobre os cinco estágios da dor da morte apontados por Kübler-Ross (1998).

Numa discussão mais recente, apresenta o papel dos meios de comunicação de massa na banalização da morte violenta ou escancarada. Conforme Kovács (2003a, p.141),

morte escancarada é o nome que atribuo à morte que invade, ocupa espaço, penetra na vida das pessoas a qualquer hora. Pela sua característica de penetração dificulta a proteção e controle de suas conseqüências: as pessoas ficam expostas e sem defesa. Ela não é aberta à comunicação como a morte rehumanizada, na qual se vê um processo gradual e voluntário regido pelo

sujeito. Ou seja, a morte escancarada é brusca, repentina, invasiva e involuntária.

A concepção de morte escancarada presente no pensamento de Kovács (2003a) alude a dois tipos de situação. O primeiro é a morte violenta ocorrida nas ruas, nos grandes centros urbanos, motivadas por acidente e homicídio, em que as vítimas, em sua maioria, são jovens que perdem as suas vidas de forma brutal, como chacina e latrocínios; ou então, a morte ocorrida por ação sinistra da natureza e pelas guerras. O segundo tipo é através dos meios de comunicação, principalmente na TV, através da qual a morte é transmitida a todos os lares em qualquer horário, nos mais variados programas, como telejornal, novelas, filmes e programas de auditório, passando a ser vistos até por crianças, que ficam expostas às mais pesadas cenas de violência e morte.

Exemplificando essas afirmações, Kovács (2003a) cita acontecimentos como a morte de Ayrton Senna, piloto brasileiro de corrida de carro de fórmula 1, que morreu durante uma prova da categoria em 1984, que recebeu cobertura de todos os meios de comunicação da imprensa mundial. Também é citado o atentado de 11 de setembro de 2001 ocorrido nos EUA, que vitimou milhares de pessoas. Ambos foram transmitidos e reprisados inúmeras vezes pelos meios de comunicação de massa, e as suas imagens de destruição e morte foram assistidas por um grande número de adultos e crianças.

Essas e outras formas de banalização da morte – como desenhos animados e programas de TV envolvendo reconstituição de crimes e morte violenta – carecem, segundo Kovács (2003a), de uma melhor forma de serem veiculadas. Essa estudiosa também ressalta a importância de que se deve dar às discussões sobre a morte em diversos enfoques, exemplificando com documentários exibidos na televisão e reportagens sobre o tema da morte em uma revista de circulação nacional. Quanto à escassez de material didático-pedagógico, Kovács (2003b) realça o “Falando de Morte”, um projeto direcionado a diversos segmentos sociais e faixas etárias, que tem como objetivo principal sensibilizar a comunicação sobre o tema da morte e que foi criado pelo Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM), instituição que fornece assessorias, gravações e publicações nessa área. O propósito maior da autora é implementar uma educação para a morte, instrumentalizando, didática e pedagogicamente, profissionais de saúde e educação.

Bromberg: o estudo do luto

Maria Helena Pereira Franco Bromberg (1999) é a primeira brasileira a tornar-se mestre e doutora em psicoterapia de pessoas enlutadas. Coordenadora do Laboratório de Estudos sobre o

Luto (LELu), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde é professora da disciplina “Luto e morte na família” e orientadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia, ela afirma que a morte não é a única causa do luto. Outras situações ao longo da vida, – como o desmame de uma criança, um aborto, amputação de um órgão, aposentadoria ou mesmo uma mudança do local de moradia –, também podem transformar-se em luto.

Bromberg (1999) ressalta que o luto não acontece somente de forma pessoal. Na sua concepção, o luto pode vir a ser coletivo, quando acontece a morte de um ídolo ou quando a violência acomete uma grande parcela de determinada sociedade. Para a autora, evitar falar na morte com criança é tão grave quanto utilizar metáforas, já que essas podem gerar pensamentos confusos na criança, fazendo-a acreditar no retorno da pessoa morta, reforçando fantasias que podem estimular a agressividade e levar a criança a desenvolver uma regressão de comportamento. Todavia, faz-se necessário que haja gradualmente uma preparação e um incentivo para que a criança encare a morte como parte da vida.

Melo: o estudo de ritos e rituais fúnebres

Maria do Socorro Nascimento de Melo (2000) é uma das primeiras e poucas estudiosas – de que se tem registro – a interessar-se pela temática da morte no Rio Grande do Norte. Inicialmente, Melo (2000) investigou ritos e rituais fúnebres na cidade de Natal (RN), numa perspectiva antropológica. Num centro de velório, realizou observação participante e entrevistou quarenta e seis pessoas responsáveis pelo velório do falecido, durante a realização daquele ritual. Essa pesquisa etnográfica teve o propósito de registrar ritos e rituais de morte na contemporaneidade. Por fim, inferiu que, “apesar dos rituais fúnebres apresentarem mudanças em suas práticas, costume cultural da tradição popular, ainda se faz presente na crença e na prática da população, demonstrando que, quando se trata de práticas culturais, o velho e o novo, a tradição e a modernidade não se excluem, mas compartilham, se entrelaçam no universo e nas concepções do viver cultural” (MELO, 2000, p.15). Isso reflete os estudos de Ariès (1977), sinalizando que a morte interdita não se sobrepôs à domada, não a excluiu. Essa pesquisa, então, serviu de referência para outros estudos sobre a morte realizados no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, contribuindo não apenas com o estudo etnográfico, mas também com o levantamento bibliográfico em torno da temática.

Referencial teórico-metodológico

Optamos por desenvolver uma investigação qualitativa de abordagem sócio-histórica (FREITAS, 2002). Na tentativa de melhor explorar o nosso objeto de pesquisa, estamos conscientes de que a realização do estudo depende do percurso investigativo escolhido, o que implica tomar decisões acerca da coleta de dados e, primeiramente, de que técnica ou técnicas utilizar. De acordo com o desenrolar da pesquisa, poderemos fazer uso de diversificadas técnicas que a enriqueçam quanto aos dados coletados. Essas técnicas poderão ser-nos exigidas a partir das necessidades impostas pelo próprio objeto e pela investigação.

Queiroz (1988, p.29) conceitua técnica como:

[...] procedimento ou conjunto de procedimentos, de modos de fazer bem definidos e transmissíveis, destinados a alcançar determinados objetivos; como todo procedimento, é ação específica, sistemática e consciente, obedecendo a determinadas normas e visando determinado fim; é conservada e repetida se sua eficiência for comprovada pelos resultados obtidos.

Nesse sentido, decidimos por fazer de técnicas da pesquisa de cunho etnográfico, como a observação participante, registros em diários de campo, entrevistas semidirigidas, entre outros que se mostrem possíveis e necessários, de acordo com os nossos propósitos. Antes de optarmos por uma determinada sala para ser observada, buscaremos conversar com os professores de todas as turmas desse nível de ensino de uma dada escola do município de Natal (RN). Além disso, tentaremos aplicar questionários e realizar observação participante, a fim de perceber: em que situações cotidianas na sala de aula freqüentemente a morte poderia ser abordada como objeto de escolarização; se for abordada, quando e como o professor o faz.

Para a coleta de dados referentes a esses aspectos, pretendemos utilizar notas de campo, realizar entrevistas semidirigidas com o professor de séries iniciais do Ensino Fundamental. Logo, é importante afirmarmos que, na pesquisa qualitativa de abordagem sócio-histórica, a entrevista possui uma dimensão social, não estando circunscrita à troca de perguntas e respostas pré-elaboradas, mas suscitando um momento de interlocução, de enunciação, de produção de linguagem, de significados sociais. É um momento em que pesquisador e pesquisado interagem enquanto indivíduos que ocupam determinados lugares sócio-históricos (FREITAS, 2002).

Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BROMBERG, Maria Helena Pereira Franco. Morte não é castigo. **Isto é**, São Paulo, p.5-9, abr. 1999. Entrevistadora: Janete Leão Ferraz.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.1, n.116, p.21-39, jul. 2002.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003a.

_____. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003b.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **A morte**: um amanhecer. São Paulo: Pensamento, 1991.

_____. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Tradução de Paulo Menezes. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MELO, Maria do Socorro Nascimento de. **Ritos e Rituais Fúnebres**: memória e tradição na Cidade do Natal. 2000. 62f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

SILVA, Marly da. Meu aluno perdeu o pai. Devo tocar no assunto com ele? O que falar para a turma?. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n.163, p.14, jun./jul. 2003.

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte**: desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VOMERO, Maria Fernanda. Morte. **Superinteressante**, São Paulo, n.173, p.36-46, fev. 2002.